

humanitas



Vol. LXII
2010

Manuel Ramos, “Os membros da geração de Avis: amizades, inimizades e falta de exemplaridade” (pp. 91-113): com base nos discursos de Deão de Vergy, na *Crónica de D. Afonso V* e em alguns contributos da moderna historiografia medieval, o autor põe em evidência uma teia de inimizades que atesta a falta de unidade da família de Avis. Antes, porém, enumera as acções e fontes (literárias e artísticas), tanto portuguesas como castelhanas, responsáveis pela promoção de uma imagem de unidade e exemplaridade da chamada *ínclita geração*. A discussão dos argumentos abonatórios da tese da desarmonia grassante no seio da família real centra-se em quatro momentos da sua história. Três deles atestam o mau relacionamento entre D. Pedro e outros familiares (a cunhada D. Leonor, os Braganças e D. Afonso V) e o quarto, esse sim, é ilustrativo de amizade e exemplaridade (a ligação de D. Isabel, duquesa de Borgonha, à família de Portugal e, de um modo especial, aos sobrinhos, filhos de D. Pedro).

Mais do que um reparo, fica a sugestão de, em futuras edições de volumes da colecção *Symbolon*, se adoptar um critério uniforme para a citação dos títulos da bibliografia. Ou se opta por reduzir os nomes próprios às respectivas iniciais (como sucede, por exemplo, na entrada PEREIRA, V. S.) ou por escrevê-los nas formas completas (cf. PEREIRA, Belmiro Fernandes). A presença dos dois modelos não favorece uma publicação praticamente isenta de gralhas.

CARMEN LEAL SOARES

PEREIRA, Belmiro Fernandes, Deserto, Jorge (orgs.) *Symbolon II – Inveja e Emulação*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010, 144 pp. ISBN: 978-972-8932-59-6.

Este segundo volume da colecção *Symbolon* aborda a pertinência de novo par de paixões nas obras de mais seis autores clássicos e retoma a referência incontornável que são os Poemas Homéricos. A rubrica introdutória, *In limine* (pp. 5-7), continua a ser da responsabilidade de um dos organizadores do livro, Belmiro Pereira. Seguindo o método utilizado na recensão do número anterior, passo a apresentar uma síntese de cada um dos sete capítulos.

Maria Helena da Rocha Pereira, “Emulação e inveja nos Poemas Homéricos” (pp. 9-17): nos Poemas Homéricos encontra-se o uso de *eris*

tanto como substantivo próprio (sob a forma personificada de uma deusa, irmã de Ares) como comum (em numerosas cenas de combate colectivo e nas monomaquias), neste caso com o sentido de “rivalidade”. Na *Odisseia*, além desse entendimento, corresponde também a “emulação” no trabalho. Com este último sentido significa competir por desejo de superação e está na génese dos jogos desportivos (cf. os jogos fúnebres em honra de Pátroclo). O episódio das provas disputadas pelos chefes gregos é interpretado pela autora como manifestação quer da ambição de protagonismo do herói homérico quer da tendência para a deslealdade que daquela pode derivar. Ou seja, aí estão retratadas as duas concepções de *eris*, a boa (conducente à emulação) e a má (responsável pela inveja).

Marta Várzeas, “Inveja e emulação em Píndaro” (pp. 19-28): para a autora um dos aspectos mais interessantes da obra de Píndaro, no que à temática em apreço diz respeito, prende-se com o facto de o problema da inveja (contida nas noções de *koros*, “saciedade”, *momos*, “censura”, e *phthonos*, “inveja”) ser perspectivado pelo prisma da sua intervenção no domínio da arte poética, e não ficar restringido ao, também presente, âmbito das figuras e feitos do universo competitivo dos vencedores cantados. Da análise das odes pindáricas infere-se, a este respeito, o seguinte: a poesia deve procurar o equilíbrio entre os seus dois objectivos (inspirar a “emulação” (*zelos*) dos ouvintes pela excelência dos feitos cantados; cantar a excelência, mas de forma moderada, por forma a evitar o inevitável *phthonos* que a *aretê* atrai); o *phthonos theon* adquire uma interpretação nova, a de “olhar vigilante da divindade” (p. 27), o que, em termos de criação poética, dita que, em detrimento do fluxo descontrolado das palavras, se privilegie o *kairos* (“o apropriado”) e o *metron* (“a justa medida”).

Jorge Deserto, “Inveja e emulação em Aristófanes” (pp. 29-51): sob esta epígrafe, o autor procede ao que designa de “leitura externa” (p. 29) da obra de Aristófanes, o que significa que analisa não as obras, mas a produção literária e dramática do poeta. O seu estudo tem três rubricas distintas. Na primeira identifica os aspectos em comum e os distintivos dos géneros trágico e cómico, como são a partilha do espaço (teatro de Dioniso e Festivais de Teatro de Atenas), as formas diferentes de se relacionarem com o público (a comédia procura a proximidade inclusiva, a tragédia o distanciamento físico, mas a proximidade emocional), a questão da originalidade (enquanto a tragédia lida com um património narrativo conhecido e já explorado, o das narrativas mitológicas, que no essencial não modifica, a comédia cria intrigas originais) e os temas e linguagem (sérios e elevada, na tragédia;

do quotidiano e mais ligeira, na comédia). Na rubrica 2 (Aristófanis e a tragédia), atesta-se o interesse do comediógrafo pelo género trágico e, muito em especial, pela obra euripídiana (procedendo o autor à impressão que deixaram na produção aristofânica as peças *Télefo*, *Andrómeda* e *Helena*). Para o final (3. Comédia e comédia) ficam os testemunhos da rivalidade entre o comediógrafo e seus contemporâneos (bem visível em dois passos analisados pelo autor: parábise d' *Os Cavaleiros* e vv. 553-554 d' *As Nuvens*).

Belmiro Fernandes Pereira, “A inveja de Drances e a engrenagem narrativa da *Eneida*” (pp. 53-70): o tema da inveja de Drances é introduzido por uma breve reflexão sobre a expressão desse sentimento na obra virgiliana (do ponto de vista estatístico, está mais presente nas *Éclogas*; nas *Geórgicas* situa-se no mundo divino; na *Eneida*, *invidia* e *inuidere* significam rivalidade, emulação, inveja divina e ciúme provocado pelo amor; note-se que Pereira observa que Virgílio, tal como Platão – e como Píndaro, acrescento eu, à luz das conclusões de Várzeas (p. 26) –, recusa a concepção tradicional de *phthonos theon*, evidência da “visão depurada de divindade” que tem Virgílio (p. 56). Discute-se, de seguida, a influência da retórica na eloquência revelada na composição da *Eneida* e, em particular, no episódio do conselho de guerra dos Latinos. A intervenção de Drances é considerada pelo autor como chave para interpretar as cenas que se sucedem até ao epílogo do poema e não como mero exercício caracteriológico.

João Manuel Nunes Torção e Joana Mestre Costa, “Inveja e emulação em Marcial: a vida e os seus costumes temperados com sal romano!” (pp. 71-101): os autores distinguem duas formas distintas de abordar o assunto nos epigramas do poeta, que denominam “inveja por Marcial” e “inveja de Marcial”. No primeiro caso, o da inveja sentida pelo próprio, verifica-se que esta diz respeito a condições de vida melhores do que a sua (os patronos, retratados como indivíduos desdenhosos, avaros, desumanos e mesquinhos; os oficiais de outros ofícios, que não as letras; os poetas seus contemporâneos não os invejaria por não ter motivos para tal, i. e., por não os achar à sua altura). Quanto à “inveja de Marcial”, refere-se àquela que outros sentem por ele (não só relativamente à sua arte, mas também a dons humildes e ridículos, como as suas mulas e um amor não correspondido, entre outros exemplos).

Virgínia Soares Pereira, “Inveja e emulação em Plínio-o-Moço” (pp. 103-124): na introdução ao seu estudo, a autora comenta os tratamentos que o tema teve em nomes grandes da literatura e filosofia antigas (Aristóteles, *Retórica*; Cícero, *Tusculanas*), para chegar à explicação plausível de que Plínio se tenha inclinado para a *aemulatio*, uma paixão positiva, “própria

de pessoas de bem”, e não para a *invidia* (sentimento a que não o impeliam o seu estatuto social elevado e vida afortunada). Sob a rubrica “Plínio e a *aemulatio* literária”, depara o leitor com um levantamento e comentário dos passos em que Plínio refere os seus modelos literários, tanto do passado (como Demóstenes e Cícero), como os contemporâneos (Tácito, seu amigo pessoal). Segue-se “Plínio e a *aemulatio* da vida”, capítulo dedicado ao paralelo, desejado por Plínio, entre as carreiras e vidas deste e do Arpinate.

Manuel Ramos, “Auto-elogio e inveja na obra moral de Plutarco” (pp. 125-136): repartido por quatro alíneas principais (sem contarmos com a conclusão), o estudo começa por fazer a contextualização dos tratados *De invidia et odio* e *De se ipsum citra invidiam laudando* (também conhecido por *De laude ipsius*) na produção geral do polígrafo. No ponto dois, o autor procede à identificação das principais obras literárias e filosóficas em que o assunto foi tratado (Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, *Retórica*; Teofrasto, *Caracteres*; Cícero, *Tusculanas*, *De oratore*), tidas como potenciais fontes de Plutarco. Em “3. Organização retórica”, destaca algumas características retóricas dos dois tratados (*compositio*, *propositio*, *recapitulatio*, *confirmatio*, *conclusio*, *transitio*). A quarta parte encontra-se subdividida em alíneas, destinadas a resumir a teorização moral sobre os vícios em apreço, de que destacamos: enquanto o ódio é um sentimento comum a homens e animais, a inveja só os primeiros a devem sentir em relação a alguém que, sendo da mesma condição, se destaca de alguma maneira (pelo mérito, prosperidade, felicidade ou reputação); a *periautologia* só o homem de estado pode praticá-la de forma justificada, i. e., de maneira discreta e sem despertar inveja (fornecendo, para tal, Plutarco as indicações práticas necessárias: seis processos retóricos para o auto-encómio e indicação dos casos em que ele não se justifica).

Mantenho o reparo que fiz à Bibliografia a propósito de *Symbolon I*.

CARMEN LEAL SOARES

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, Correia, Francisco Carvalho e Moreira, Álvaro de Brito, *Rudesindus. Pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio*, Câmara Municipal de Santo Tirso, Porto 2010, ISBN 978-972-8180-24-9.

Quis em boa hora a Câmara Municipal de Santo Tirso, na sequência das comemorações dos mil e cem anos do nascimento de S. Rosendo, contando